

ACADEMIA AMERICANA DE PEDIATRIA

Ellen C. Perrin, MD, e o Comité de Aspectos Psicossociais da Criança e Saúde Familiar

Relatório Técnico: Parentalidade Partilhada ou Adopção pelo Segundo Progenitor por Progenitores do Mesmo Sexo

RESUMO: Um volume crescente de literatura científica tem vindo a demonstrar que as crianças que são criadas por 1 ou 2 pais^a gays e/ou lésbicas lida tão bem nas funções emocionais, cognitivas, sociais e sexuais, como uma crianças cujos pais sejam heterossexuais. O perfeito desenvolvimento da criança parece ser mais influenciado pela natureza da relação e interacção com a unidade familiar do que com a estrutura/forma particular que esta toma.

SITUAÇÃO ACTUAL

Estatisticamente o número exacto de progenitores que são gays ou lésbicas é impossível de obter. O secretismo resultante do estigma associado à homossexualidade tem impedido até mesmo investigações básicas epidemiológicas. Uma estimativa grosseira assume que entre 1 a 9 milhões de crianças nos Estados Unidos tem, pelo menos, um dos pais que é gay ou lésbica¹.

Maior parte dos indivíduos que tem um dos pais, lésbica e/ou gay, foram concebidos num contexto de uma relação heterossexual. Nos casais heterossexuais, quando um dos pais (ou ambos os pais) se assume como lésbica ou gay, alguns divorciam-se enquanto outros continuam a viver como casal. Se eles decidem viver separadamente, qualquer dos pais pode ficar com a guarda da criança ou ela pode viver a tempo parcial em cada casa. Pais gays ou lésbicos podem permanecer sozinhos/singulares/solteiros ou podem ter parceiros do mesmo sexo que podem, ou não, desenvolver relações de padastros/madrastas^b com as crianças. Estas famílias assemelham-se muito a famílias separadas depois de um divórcio de um casal heterossexual e, muitas das preocupações dos pais, e adaptações, são semelhantes. Uma dificuldade adicional para estes pais é que precedentes^c legais, perversamente heterossexistas, tem resultado em recusa de custódia e restringido os direitos de visita a muitos pais gays e lésbicas.

A crescente aceitação social da diversidade na orientação sexual tem permitido que mais gays e lésbicas se assumam antes de formarem relações íntimas ou antes de

virem a ser pais. Lésbicas e gays adultos decidem vir a ser pais por muitas das mesmas razões que heterossexuais adultos decidem. O desejo de ter crianças é um instinto humano básico e satisfaz o desejo de muitas pessoas de deixar uma marca na história ou perpetuar a sua família. As crianças podem, ainda, satisfazer o desejo das pessoas de dar e aceitar o amor e o carinho de outros e poder prever algum cuidado e segurança durante os anos de velhice.

Muitos dos mesmos receios que existem para casais heterossexuais quando ponderam ter uma criança também se colocam para os casais homossexuais. Todos os pais tem preocupações com gestão de tempo, finanças e responsabilidades da paternidade e/ou maternidade. Eles preocupam-se em como as crianças irão afectar a sua relação como casal, as saúdes deles e as suas próprias, e as suas capacidades para gerir os seus novos papéis de pais acrescentados aos seus outros papéis de adultos. Lésbicas e gays “trabalham” a paternidade com desafios adicionais, incluindo a decisão se quer conceber ou adoptar uma criança, arranjar um dador de esperma ou uma mãe de aluguer (se for por concepção), descobrir e escolher uma agência de adopção^d (se adopção), fazer os acordos legais necessários prevendo as relações entre os pais e criando um papel substancial para o pai, ou mãe, não biológico ou não adoptivo, e confrontando-se com uma exposição emocional e restrições impostas por regulamentos discriminatórios e heterossexistas.

Apesar destes desafios, cada vez mais lésbicas e gays tem vindo a ser pais por si próprios no contexto de um relacionamento estabelecido por pessoas do mesmo sexo. A maioria das lésbicas que concebem um bebé fazem-no usando técnicas alternativas de inseminação com dadores de esperma. A mulher, ou mulheres, podem decidir ficar grávidas utilizando esperma: de um dador completamente anónimo; de um dador que tenha aceitado ser identificável quando a criança se tornar adulta; ou de um dador bem conhecido, por exemplo: um amigo ou um parente da futura mãe não gestante. As lésbicas podem também vir a ser mães pela criação ou adopção de crianças, assim como os homens gays. Estas possibilidades estão em crescente disponibilidade na maioria dos estados e em muitos outros países, apesar de serem ainda limitados por estatutos legais nalguns lugares.

Um crescente número de homens gays tem decidido tornarem-se pais recorrendo a mães de aluguer que dão à luz os seus filhos. Outros fazem acordos de parentalidade

^a **Parents**, no original, assume os dois géneros, no masculino e feminino. A tradução literal, “pais”, em português, é também o plural do masculino, não devendo, neste texto, ser encarado dessa forma mas como o conjunto dos progenitores. N.d.T.

^b **Stepparenting** no original, impossível de traduzir. Referente a relações entre o enteado e o cônjuge de um dos pais. N.d.T.

^c **Precedents** no original. Em Portugal o regime jurídico funciona aplicando a cada caso a lei adequada, independentemente de outras decisões tomadas em outros tribunais por outros juízes. Nos Estados Unidos da América o sistema jurídico não é igual porque uma sentença tomada num momento pela primeira vez, torna-se norma para aplicar nos casos análogos seguintes. N.d.T.

^d **Adoption agency** no original. Em Portugal a atribuição da adopção cabe unicamente à Santa Casa da Misericórdia. N.d.T.

partilhada com uma única mulher (lésbica ou heterossexual) ou um casal de lésbicas.²⁻⁴ Outros homens ainda fazem acordos para participarem como dadores de esperma na concepção de uma criança (normalmente com um casal lésbico), acordando diferentes níveis de envolvimento com a criança mas sem terem as responsabilidades de paternidade.

Quando lésbicas, ou homens gays, vem a ser pais através da alternativa da inseminação, aluguer ou adopção, o pai, ou mãe, biológico ou adoptivo, é reconhecido dentro do sistema legal como tendo total e mais ou menos absoluto direitos paternais ou maternais. Apesar de o/a companheiro/a do pai, ou mãe, biológico ou adoptivo, poder funcionar como segundo pai, padrasto ou madrasta, ele, ou ela, não tem quaisquer direitos legais sobre a criança. Muitas das leis estatais^e não permitem a adopção, ou guarda, por um companheiro não casado a menos que os direitos paternais/maternais do primeiro companheiro tenham cessado. Um advogado pode preparar impressos de consentimento médico e de nomeação de tutor^f para a guarda da criança no evento da morte ou incapacidade do progenitor legal. Estes documentos, contudo, não tem o poder de uma adopção, ou guarda, legal, e não há garantias de que o tribunal os cumpra. Alguns estados, recentemente, tem passado legislação que permitem o companheiro (padrasto/madrasta) adopte o filho do seu parceiro. Outros estados têm permitido que o seu sistema judicial determine a elegibilidade para uma adopção formal pelo companheiro/a num sistema de “caso-a-caso”. Adopção por companheiros (ou segundos-pais) tem importantes benefícios psicológicos e legais.

Historicamente, gays e lésbicas têm sido impedidos de serem pais adoptivos, ou de adoptarem crianças, e visto ser negados os seus direitos de custódia e visitação das crianças em situação de um divórcio com a base de que não são os seus pais efectivos. Justificações legais e crenças sociais têm presumido que as suas crianças sofreriam de estigmatização, dificuldades em fazer e manter amizades, problemas emocionais e comportamentais subsequentes, e desenvolvimento psico-sexual anormal. Durante os últimos 20 anos muitos investigadores têm tentado determinar se há ou não suporte empírico para estes pressupostos.

PESQUISA

O cerne da pesquisa tem sido em quarto principais áreas. Os investigadores têm-se concentrado na descrição de comportamentos e atitude de pais gays e lésbicas, no desenvolvimento psico-sexual, experiência social e estado emocional das suas crianças.

Comportamentos e Atitudes Paternas e Maternas, Personalidade e Adaptação dos Pais

Estereótipos e leis que mantêm práticas discriminatórias são baseadas nos pressupostos de que, mães lésbicas e pais

^e Os EUA tem um sistema judicial e governativo diferente de Portugal, onde cada estado tem uma autonomia relativa para poder produzir e aplicar leis próprias. N.d.T.

^f **medical consent forms and nomination-of-guardian forms** no original. Termos não aplicáveis em Portugal. N.d.T.

gays são diferentes dos pais heterossexuais de formas importantes para o bem estar das suas crianças. Evidências empíricas revelam, pelo contrário, que pais gays têm mostrado provas substanciais de capacidade para cuidar das suas crianças e de investir no seu papel paternal sem diferenças dos pais heterossexuais, tanto no fornecer actividades apropriadas, como no encorajamento da autonomia,⁵ ou para lidar com problemas gerais da paternidade.⁶ Comparados com pais heterossexuais, pais gays tem sido descritos como sendo cuidadosos na educação, dando grande ênfase no guiar e desenvolvimento de experiências cognitivas, e de estarem mais envolvidos nas actividades das crianças.⁷ No geral, há mais semelhanças que diferenças nos estilos e atitudes dos pais gays e não gays.

Igualmente, poucas diferenças têm sido encontradas, nas pesquisas das últimas duas décadas, comparando a auto estima de mães lésbicas e heterossexuais, adaptações psicológicas, e atitudes no cuidar da criança.^{8,9} Mães lésbicas estão dentro do leque do funcionamento psicológico normal em entrevistas e avaliações psicológicas e resultados descritos com medidas estandardizadas de auto estima, ansiedade, depressão e stress maternal, indistinguível dos resultados relatados de mães heterossexuais.¹⁰

Mães lésbicas promovem fortemente atitudes centradas nas crianças e comprometidas nos seus papeis maternais.¹¹⁻¹³ Tem mostrado serem mais preocupadas com o fornecer modelos de papeis masculinos para as suas crianças do que mães divorciadas heterossexuais.^{6,14} Mães lésbicas e heterossexuais descrevem-se a si próprias, semelhantemente, nos interesses maternais e matrimoniais, estilos de vida, e práticas no cuidar das crianças.¹⁴ Elas relatam dificuldades semelhantes em gerir os seus papeis sociais, recorrer às mesmas redes de apoio social e estratégias de descompressão.^{15,16}

Identidade de Género e Orientação Sexual das Crianças

A identidade de género de crianças pré adolescentes criadas por mães lésbicas tem sido quase sempre considerada estar de acordo com o seu sexo biológico. Nenhuma das mais de 300 crianças estudadas até à data tem mostrado evidências de confusão de identidade de género, desejando serem de outro sexo, ou com comportamentos de trocas de género frequentes. Não têm sido encontradas diferenças nos brinquedos, jogos, actividades, roupas, preferências nas amizades, dos rapazes, ou raparigas, que tenham mães lésbicas comparados com os que tem mães heterossexuais.

Não tem sido encontradas diferenças na identidade de género, papeis sociais, ou orientação sexual em adultos que tenham pais homossexuais divorciados, comparados com os que tem pais heterossexuais divorciados.¹⁷⁻¹⁹ Proporções semelhantes de jovens adultos, que tem pais homossexuais e dos que tem pais heterossexuais, reconhecem terem sentido atracção por pessoas do mesmo sexo.²⁰ Comparados com jovens adultos que tem mães heterossexuais, homens e mulheres com mães lésbicas são

ligeiramente mais propensos a considerarem a possibilidade de terem parceiros do mesmo sexo, e mais deles estiveram envolvidos em, pelo menos, uma breve relação com pessoas do mesmo sexo,¹⁰ mas em cada grupo, proporções semelhantes de homens e mulheres identificam-se a si próprios como homossexuais.

Desenvolvimento Emocional e Social das Crianças

Porque, maioria das crianças que tem pais gays ou lésbicas, tiveram a experiência do divórcio dos seus pais biológicos, o seu subsequente desenvolvimento psicológico tem de ser entendido nesse contexto. Quer sejam, subsequentemente, criados por um ou dois pais separados, ou que seja por um/a companheiro/a que se tenha juntado aos seus pais biológicos, ou não, são factores importantes para as crianças mas que raramente são remetidos nos resultados de investigações sobre crianças que tenham pais gays ou lésbicas.

A considerável pesquisa bibliográfica que se tem acumulado sobre esta assunto, tem revelado genericamente que crianças de mães lésbicas divorciadas crescem de uma maneira muito semelhante a crianças de mães heterossexuais divorciadas. Diversos estudos que comparam crianças com mães lésbicas com crianças com mães heterossexuais, têm falhado em demonstrar diferenças entre os grupos em escalas de personalidade, escalas de apreciação de relações de amizade, auto estima, dificuldades comportamentais, sucesso académico, ou qualidade e carinho das relações familiares.^{9,11,15,16,20,21} A auto estima das crianças tem sido mostrada como sendo maior nos adolescentes cujas mães (de qualquer orientação sexual) estejam numa nova relação com um/a companheiro/a depois do divórcio, comparativamente com aqueles cujas mães se mantém sozinhas, e, entre estes, com aqueles que descobriram em novos que os seus pais eram homossexuais, comparados com aqueles que descobriram quando eram mais velhos.²²

O heterossexismo prevalente e a estigmatização pode levar ao gozo e ao embaraço das crianças pela orientação sexual dos seus pais ou do seu agregado familiar, e restringir as suas possibilidades de criar e manter amizades. Crianças crescidas de mães lésbicas divorciadas, recordam-se terem sido mais gozadas pelos colegas durante a infância do que crianças crescidas de pais heterossexuais divorciados.²³ Contudo, as crianças parecem lidar bastante bem com o desafio de compreender e descrever as suas famílias aos colegas e professores.

Crianças crescidas e criadas por casais lésbicos parecem também desenvolver-se normalmente em todos os sentidos. Testes feitos pelas suas mães e professores têm demonstrado crianças socialmente competentes e a prevalência de dificuldades comportamentais comparáveis com o resto da população.^{8,24} De facto, crescerem com pais que são gays ou lésbicas, parece poder conferir algumas vantagens às crianças. Elas têm sido descritas como mais tolerantes da diversidade e mais cuidadosas em relação a crianças pequenas do que as crianças criadas por heterossexuais.^{25,26}

Num estudo, crianças de pais heterossexuais vêem-se a si próprias como sendo mais agressivas que os filhos de lésbicas. E foram, também, vistas pelos seus pais com sendo mais autoritárias, negativas, e dominantes. Crianças de mães lésbicas vêem-se a elas próprias como mais amorosas e são vistas pelas suas mães e professores como mais afectivas, responsáveis e protectoras das crianças mais pequenas, quando comparadas com os filhos de pais heterossexuais.^{25,27} Numa investigação mais recente, filhos de mães lésbicas revelaram a sua auto estima com sendo semelhante aos filhos de pais heterossexuais, e viam-se a elas próprias com agressividade e sociabilidade semelhantes.¹⁵

Investigações recentes têm tentado discernir factores que promovam um bem estar optimizado de filhos que tenham mães lésbicas. A adaptação de crianças que tenham duas mães parece estar relacionada com a satisfação das mães na sua relação e especificamente com a divisão de responsabilidades que eles trabalharam com vista ao cuidado das crianças e à manutenção da casa.²⁸ Crianças, com mães lésbicas, que revelaram maior satisfação nas suas relações, maior divisão igualitária no cuidar da casa e pagamentos de trabalho,²⁹ e mais contactos regulares com os avós e outros familiares³⁰ são descritos, pelas mães e professores, como estando mais ajustados e tendo menores problemas comportamentais.

Crianças em todas os agregados familiares tem sido descritas pelos pais e professores como tendo mais problemas comportamentais quando os pais revelam mais stress pessoal e maiores interações pais-filhos disfuncionais. Em contraste, crianças são descritas como mais bem ajustadas quando os seus pais revelam uma maior satisfação relacional, maiores níveis de amor, e menores conflitos interpaternais, independentemente da sua orientação sexual. As crianças são, aparentemente, mais fortemente influenciadas pelos processos e relações familiares do que pela estrutura da própria família.

SUMÁRIO

As amostras estudadas, pequenas e não representativas, e a relativa pouca idade da maioria das crianças, sugerem algumas reservas. Contudo, o peso da evidência, juntada durante diversas décadas, utilizando diversas amostras e metodologias, é persuasivo e demonstrativo de que, por sistema, não existe diferença sistemática entre pais gays e não gays na saúde emocional, capacidades paternas, e atitudes relacionadas com a paternalidade/maternalidade. nenhuns dados apontaram para qualquer risco para as crianças como resultado de crescerem numa família com um ou mais familiares homossexuais. A grande variedade de estruturas, histórias e relacionamentos familiares pode contribuir mais para saúde psicosexual e desenvolvimento sexual do que outros factores.

Pesquisas explorando a diversidade de relacionamentos entre pais gays e lésbicas estão agora a começar. Crianças cujos pais se divorciaram (independentemente da sua orientação sexual) estão melhor adaptados quando os seus pais tem uma alta auto

estima, mantém um relacionamento amigável e responsável, e estão presentemente a viver com parceiros/as.^{22,31} Crianças que vivem com mães lésbicas divorciadas, tem melhores desempenhos quando conhecem a homossexualidade da sua mãe mais cedo, quando os seus pais, e outros adultos importantes, aceitam a identidade lésbica da sua mãe, e, talvez, quando tem contactos com outras crianças filhas de pais gays e lésbicas.^{22/24} Pais e crianças tem melhores desempenhos quando as tarefas menos boas^g da parentalidade são partilhadas, e as crianças parecem beneficiar dos acordos em que as mães lésbicas dividem o cuidar das crianças e outras tarefas domésticas de igual maneira,²⁸ assim como quando os conflitos maternos são baixos. Contudo, pais gays e lésbicos, a despeito de todos os seus melhores esforços, podem não ser capazes de proteger inteiramente as suas crianças totalmente dos efeitos de estigmatização e discriminação. Verifica-se que a orientação sexual dos pais não é uma variável que, por si própria, prediga a sua capacidade de prover um ambiente familiar que sustenha o desenvolvimento das crianças.

Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, 2000–2001

Comissão dos Aspectos Psico-sociais da Criança e Saúde Familiar, 2000-2001

Joseph F. Hagan, Jr, MD, Chairperson

William L. Coleman, MD

Jane M. Foy, MD

Edward Goldson, MD

Barbara J. Howard, MD

Ana Navarro, MD

J. Lane Tanner, MD

Hyman C. Tolmas, MD

Ligações

F. Daniel Armstrong, PhD

Society of Pediatric Psychology

David R. DeMaso, MD

American Academy of Child and Adolescent Psychiatry

Peggy Gilbertson, RN, MPH, CPNP

National Association of Pediatric Nurse Practitioners

Sally E. A. Longstaffe, MD

Canadian Paediatric Society

Consultores

George J. Cohen, MD

Ellen C. Perrin, MD

Pessoal

Karen Smith

Tradução

Simão Mateus

Tradução: Simão Mateus, 2004 - Versão não revista.

The recommendations in this statement do not indicate an exclusive course of treatment or serve as a standard of medical care. Variations, taking into account individual circumstances, may be appropriate. PEDIATRICS (ISSN 0031 4005). Copyright © 2002 by the American Academy of Pediatrics.

BIBLIOGRAFIA

1. Laumann EO. *National Health and Social Life Survey*. Chicago, IL: University of Chicago and National Opinion Research Center; 1995
2. Barret RL, Robinson BE. *Gay Fathers*. Lexington, MA: Lexington Books; 1990
3. Bigner JJ, Bozett FW. Parenting by gay fathers. In: Bozett FW, Sussman MB, eds. *Homosexuality and Family Relations*. New York, NY: Harrington Park Press; 1990:155–175
4. Patterson CJ, Chan RW. Gay fathers and their children. In: Cabaj RP, Stein TS, eds. *Textbook of Homosexuality and Mental Health*. Washington, DC: American Psychiatric Press; 1996:371–393
5. Turner PH, Scadden L, Harris MB. Parenting in gay and lesbian families. *J Gay Lesbian Psychother*. 1990;1:55–66
6. Harris MB, Turner PH. Gay and lesbian parents. *J Homosex*. 1985;12: 101–113
7. Bigner JJ, Jacobsen RB. Adult responses to child behavior and attitudes toward fathering: gay and nongay fathers. *J Homosex*. 1992;23:99–112
8. Flaks DK, Ficher I, Masterpasqua F, Joseph G. Lesbians choosing motherhood: a comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children. *Dev Psychol*. 1995;31:105–114
9. Green R, Mandel JB, Hotvedt ME, Gray J, Smith L. Lesbian mothers and their children: a comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. *Arch Sex Behav*. 1986;15:167–184
10. Golombok S, Tasker F, Murray C. Children raised in fatherless families from infancy: family relationships and the socioemotional development of children of lesbian and single heterosexual mothers. *J Child Psychol Psychiatry*. 1997;38:783–791
11. Golombok S, Spencer A, Rutter M. Children in lesbian and single-parent households: psychosexual and psychiatric appraisal. *J Child Psychol Psychiatry*. 1983;24:551–572
12. Kirkpatrick M. Clinical implications of lesbian mother studies. *J Homosex*. 1987;14:201–211
13. Miller J, Jacobsen R, Bigner J. The child's home environment for lesbian vs heterosexual mothers: a neglected area of research. *J Homosex*. 1981; 7:49–56
14. Kirkpatrick M, Smith C, Roy R. Lesbian mothers and their children: a comparative survey. *Am J Orthopsychiatry*. 1981;51:545–551
15. Patterson CJ. Children of lesbian and gay parents. *Adv Clin Child Psychol*. 1997;19:235–282
16. Patterson CJ. Children of the lesbian baby boom: behavioral adjustment, self-concepts, and sex role identity. In: Greene B, Herek GM, eds. *Lesbian and Gay Psychology: Theory, Research, and Clinical Applications*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications; 1994:156–175
17. Bailey JM, Bobrow D, Wolfe M, Mikach S. Sexual orientation of adult sons of gay fathers. *Dev Psychol*. 1995;31:124–129
18. Gottman JS. Children of gay and lesbian parents. *Marriage Fam Rev*. 1989;14:177–196
19. Patterson CJ. Children of lesbian and gay parents. *Child Dev*. 1992;63: 1025–1042
20. Tasker FL, Golombok S. *Growing Up in a Lesbian Family: Effects on Child Development*. New York, NY: Guilford Press; 1997
21. Allen M, Burrell N. Comparing the impact of homosexual and heterosexual parents on children: meta-analysis of existing research. *J Homosex*. 1996;32:19–35
22. Huggins SL. A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced heterosexual mothers. *J Homosex*. 1989;18:123–135
23. Tasker F, Golombok S. Adults raised as children in lesbian families. *Am J Orthopsychiatry*. 1995;65:203–215
24. Patterson CJ. The family lives of children born to lesbian mothers. In: Patterson CJ, D'Augelli AR, eds. *Lesbian, Gay, and Bisexual Identities in Families: Psychological Perspectives*. New York, NY: Oxford University Press; 1998:154–176
25. Steckel A. Psychosocial development of children of lesbian mothers. In: Bozett FW, ed. *Gay and Lesbian Parents*. New York, NY: Praeger; 1987: 75–85
26. Stacey J, Biblarz TJ. (How) Does the sexual orientation of parents matter? *Am Sociol Rev*. 2001;66:159–183
27. Tasker F. Children in lesbian-led families: a review. *Clin Child Psychol Psychiatry*. 1999;4:153–166
28. Patterson CJ. Families of the lesbian baby boom: parents' division of labor and children's adjustment. *Dev Psychol*. 1995;31:115–123
29. Chan RW, Brooks RC, Raboy B, Patterson CJ. Division of labor among lesbian and heterosexual parents: associations with children's adjustment. *J Fam Psychol*. 1998;12:402–419
30. Patterson CJ, Hurt S, Mason CD. Families of the lesbian baby boom: children's contact with grandparents and other adults. *Am J Orthopsychiatry*. 1998;68:390–399
31. Emery RE. Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychol Bull*. 1982;92:310–330

^g **daunting** no original.. Adj.:Intimidatórias, desencorajadoras, assustadoras, desmoralizadoras, desconfortáveis. N.d.T.